

RAMOS, Michel Seres. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 224p

Marcio Quaranta¹

Caro leitor, cara leitora: convido-os a mais uma viagem, a uma nova errância na companhia do terceiro instruído de Agen, cujo último livro publicado no Brasil apresento-lhes.

Durante o curso de Mestrado em Educação, minha orientadora sugeriu-me ler “O Contrato Natural” de Michel Serres, visto minha pesquisa abordar os sentimentos e as relações do ser humano com a natureza. Desde então, seu autor tornou-se uma de minhas fontes prediletas para tentar compreender o ser humano e seu agir sobre o mundo no atual momento de sua história (de sua narrativa) e as propostas existentes para uma relação de paz, no futuro próximo, entre o Homem e a Terra. Para minha dissertação contribuíram, além do título já citado, “O Terceiro Instruído”, “Os Cinco Sentidos” e “Hominescências”. Mais adiante, passaram a integrar o meu acervo particular “Hermes: uma filosofia das ciências”, “Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour”, “O Nascimento da Física no Texto de Lucrécio: correntes e turbulências”, “O Incandescente”, “Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo”, e, por fim, “Ramos”. Nesta obra, os tradutores Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco esmeram-se para tornar o texto, denso em informações e em ramificações, bastante acessível ao leitor, mesmo a quem não conhece as obras anteriores do pensador francês, que indaga repetidamente no texto “Quem sou eu?”, Serres relata em doses homeopáticas o significado do livro, recorre a contos entretecidos na narrativa, como o de dois pilotos que travam um combate durante a Segunda Guerra Mundial e depois se tornam amigos, ou o de Ceres, a enguia e a andorinha; também frequentam sua obra figuras lendárias ou históricas como Ulisses, Oséias, Cristo, São Paulo, Luís XIV, Gallois, Leibniz, Pascal...

Serres resgata algumas categorias criadas em suas obras anteriores, como o contrato natural, a mestiçagem na aprendizagem, o terceiro instruído, o duro e o doce, a hominescência e a Grande Narrativa (melhor abordada que em “O Incandescente”); com seu estilo peculiar, desdobra ao longo do texto dois conjuntos de aparentes antinomias, para, no final do livro, promover sua síntese: de um lado, o real, o formato, o controle, o conceito, o método, o estável, o necessário, o previsível, o sólido, o pertencimento, a regra (lei), a ciência, a morte, o especialista, o pensamento conceitual, o tronco, o Pai; de outro, o possível, o inconstante, o acontecimento, o contingente, o imprevisto, a novidade, a

invenção, a singularidade, o indivíduo, a literatura, o fluido, a religião, a ressurreição, a vida, a incandescência, o advento, o pensamento algorítmico, os ramos, o Filho.

Para o pensador, o pensamento conceitual liga-se a procedimentos comerciais e operacionais (os formatos associam-se à necessidade de mensurar dimensões e pesos, de controlar estoques de mercadorias, de contabilizar lucros, no comércio praticado por cidades como Veneza), submete os acontecimentos à lei, considera as singularidades só dentro da generalidade, não elucida e refuta os paradoxos, conduz à morte (impossibilidade de criação); séries e repetições de formatos levaram à elaboração de regras e das leis da ciência moderna. A formatação, em seus cinco momentos no Ocidente (o logos grego das proporções; o direito e a administração romanos, controle de pessoas; o renascimento e a invenção da imprensa; a revolução científica do século XVIII e início do seguinte, com o advento do sistema métrico; o atual retorno do acontecimento), delimitou o Homem, esvaziou o sujeito, submeteu o social, determinou ritmos, preveniu acidentes, dominou o planeta, levou ao pertencimento: este discrimina o diferente, justifica pela razão a guerra e a morte, origina todo o mal na Terra. A violência do Homem impõe formatos, conflita-o com o seu mundo (do qual ele se considera separado), reduzido a um depósito de resíduos (poluição: máximo de apropriação da natureza). Entretanto, o formato se faz necessário, em especial nas obras científicas: como escrever um artigo, uma resenha ou um livro sem ele? Como preparar um atleta para competir sem um treinamento? Não há produção sem o formato, Pai tirânico a impor regras e restrições; contudo, o Pai reina sobre o saber, traz segurança, regula o mundo pela Ciência. Esta, no seu formato Pai, mostra-se determinística, racional e plena de certezas, contudo ramifica-se perante as inovações e hoje também comporta a incerteza e a dúvida; revoltada, passou à condição de Filho que tenta assumir o lugar e o poder do Pai, sem a sabedoria deste. Não é possível haver ciência hoje, sem ela ter o caráter de Filho, sem assumir as ramificações do tronco Pai: Heisenberg, com seu princípio da indeterminação, exemplifica o cientista Filho. Findas as certezas, o criativo Homem produz objetos cujo comportamento ultrapassa a utilidade e a previsão, domina um mundo permeado pelos riscos: objetos mundo como as bombas nucleares e a perspectiva da morte por eles trazida assustam-no. Ao brincar com o fogo e perder seu controle sobre ele, o Homem formata a morte como um espetáculo.

A cultura ocidental apresenta um tríptico caule: a concepção temporal da História; a visão espacial-temporal do mundo; a sociedade comunitária e solidária. Em sua origem, cintila São Paulo, criatura síntese de três formatos, ramo mestiço da lei mosaica e do rito ao Deus Pai onipotente, da harmonia cósmica do logos grego, e do direito romano e da cidadania imperial, híbrido das regras

¹ Biólogo, Mestre em Educação, Analista Ambiental. ICMBIO. Caixa postal 217. CEP 18190-970. Araçoiaba da Serra, SP. Brasil mlqg0207@hotmail.com

do ritual, do racional e do jurídico, acontecimento humano que emerge de três pertencimentos para a errância e encarna a boa nova, um rompimento de antigos formatos, uma bifurcação de onde brota uma nova criatura. Filho de três Pais, Paulo arrisca-se, sofre, refuta o saber, a força e a lei do Pai, e, como filho adotivo, deixa-se envolver pela graça. Filho: gracioso, vacilante e vulnerável.

Não se deve confundir pertencimento com identidade, cometer o crime de racismo (reduzir a pessoa a um de seus coletivos – Paulo é judeu; Márcio, paulista; Michel, camponês). A identidade ligada à singularidade supera a libido do pertencimento, do nós, projeta ramos rumo ao universal. Paulo liberta o eu da comunidade e de sua lei, anuncia o desaparecer do formato do homem antigo; o eu brota a partir da encarnação, morte e ressurreição de Cristo, filho adotivo errante, universal, singularidade construída pelo pensamento algorítmico de uma grande narrativa religiosa. Advento: a nova criatura bifurca-se do passado, como os ramos da Grande Narrativa (origem do universo, da vida, do ser humano, das técnicas). Integram o novo Homem as três contingências da consciência universal: fé (incerteza), esperança (tempo indeterminado) e caridade (amor incondicional); a lei, a certeza e a autoridade do Pai fenecem. A fé e a esperança lançam o eu em um tempo de adventos, tiram-no dos formatos, levam-no às novidades; a caridade permite ao novo eu relacionar-se com a universalidade dos homens. Não se elabora um sujeito com certezas...

O formatado há longo tempo ilude como perene: um fato com efeitos inesperados retira a atenção do formato monótono de regras anteriores, nega a razão, rompe a rotina. O acontecimento bifurca-se, excede em muito seu efeito imediato e local, muda o sentido da história, agora ligada à natureza (esta contínua novidade). Ligeiras variações nas condições iniciais de um fenômeno levam ao imprevisível: uma pequena mutação, e uma espécie nova ocupa todo o globo. Desconhecer o efeito inspira o agir, suscita a alegria de imaginar, inventar... A verdadeira novidade anuncia a vida.

A regra subjuga e também liberta; sem gramática não há estilo; sem forma, a obra nova. Não há formato sem a novidade, cujas alternativas semeiam a natureza e as culturas humanas. Despertar, nascimento, advento: anular repetições, lançar o raro, contrapor o amor à violência. Ciências, artes, filosofias, religiões e mesmo as políticas criam novidades. Evolução, ramificações de uma narrativa, milagre do ramo, vitória sobre a morte. Mudança de sentido, de fluxo: encantamento. A consciência agora mestiça as tradições, costumes e leis às novidades transformadoras. Não se atinge o universal somente pelo conceito: acontecimento e singularidade chegam ao universal, lei e narrativa se unem.

O formato congelado, morte, escraviza os mestres repetidores. A filosofia hodierna projeta vencer a morte, o

necessário, o formatado; a ciência Filha rebela-se contra a repetição e as leis. Dos desequilíbrios nascem os ramos; do determinismo, o caos. Era do Filho, da libertação do paraíso formatado, do fim dos pertencimentos, da volta ao criativo, da ressurreição. A genialidade (com sua simplicidade), o improvável e o inventar transcendem qualquer previsão. Incandescer-se e aderir às hominescências. Acontecimentos e inovações brotam ramos do caule do formato: desponta o Filho. Este e o Pai agora se amam mutuamente, ramificação da reconciliação; a formatação e a inovação conjugam-se. No saber Filho, as singularidades suplantam as regras, as inconsciências reintegram-se ao saber; acaba a cegueira de uma cultura em relação à outra.

A ciência, que agora nasce da boa vontade e da adoção, cria novos ramos cognitivos, em um rebrotar de ramos adormecidos. O universal e o existencial se igualam em seu nível de dignidade; o provável perde importância perante o simbólico e o espontâneo. Despontam as novas tecnologias: a informática, as nano e biotecnologias trabalham com códigos e informações.

Na síntese e recuperação contemporânea, converte-se o indivíduo singular em um universal encarnado; integra-se a matemática universal (caule-pai) e a metafísica do indivíduo (ramo-filho); resgatam-se as metáforas, as analogias, as tradições, o mito, a hermenêutica e a teologia; integra-se a ciência com a literatura. Conceito e indivíduo dialogam, seus universais completam-se: emprega-se com fatura o conceito e a narrativa. A ciência, na posição de Filho, agora pede opiniões a todos, não só aos seus expoentes, não mais decide sozinha: passagem do mundo da imposição ao do diálogo. O conhecimento assume o caráter de filho da alegria.

Manifestação da universalidade: a evolução produziu um organismo produtor de evolução. Porém, nesta época de riscos, grandes números e catástrofes, torna-se inadiável conceder à natureza o estatuto de sujeito, assinar e respeitar o contrato natural, cultivar a diversidade das paisagens e da vida, encerrar o divórcio com o cosmos. O Homem precisa acolher os elementos e os seres vivos, e constituir uma única família humana. Sem um novo Homem, capaz de efetuar mais trocas e assumir mais desafios e riscos, síntese do tradicional com a novidade, a humanidade está ameaçada.

Através de sua metáfora orgânica e vegetal, Serres ultrapassa as metáforas neomecanicistas cibernéticas e reintegra o Homem à Natureza da qual ele se distanciou, sem ter deixado de fazer parte de suas criaturas. Passagem a um ramo transcultural, conectado com a natureza.

Quem sou eu? O abandono do pertencimento, a incerteza, o orgulho e a humildade, a água e o fogo, a emoção e a abstração, a morte e o renascimento, a consciência, o terceiro instruído, uma bifurcação, um ramo perenemente verde. O que significa este livro? O existencial, a narrativa de uma ramificação, o prenúncio de um mundo novo...